SBP de PA
Sociedade BRASILEIRA de Psicanálise de Porto Alegre

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 25, nº1 junho de 2022

O AMANHÃ

Editorial

Rumos do amanhã

No filme *Coda – No ritmo do coração*, acompanhamos as emoções de um pai que, mesmo impossibilitado de ouvir a filha cantora por ser surdo, é capaz de captar a sua música em nuances afetivas que gritam emoções. Os filhos ouvintes de pais surdos são chamados Codas (Children of Deaf Adults), tornando-se, frequentemente, tradutores dos pais. Eles são bilingues, pois são naturalmente expostos a duas linguagens, a dos surdos e a dos ouvintes. Aceitar que a filha deixe de ser intérprete da família e siga seu próprio rumo exige daqueles pais a elaboração de um doloroso trabalho de luto, mas exige, especialmente, uma grande dose de amor.

Talvez essa seja a tarefa de todas as famílias, bem como das instituições que norteiam o convívio humano. Quais as traduções necessárias, as diferenças e semelhanças que comportamos e abrigamos ontem, hoje, amanhã?

O amanhã como tema desta edição do Jornal foi sugestão da AMI, nossa Associação de Membros do Instituto. Faz todo sentido, pois são eles a nossa perspectiva de amanhã como psicanalistas e como aqueles que irão cuidar e conduzir essa casa.

O GEP – Grupo de Estudos Psicanalíticos, em sua primeira reunião científica escolheu como tema o artigo de Freud *Sobre a Transitoriedade*, semeando os sonhos e a construção da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Não por acaso. Os desafios que envolveram aquele grupo de pioneiros, ao qual somos gratos, permanecem conosco como memória e responsabilidade. Ao conversar com o poeta pessimista pela transitoriedade, Freud aponta para a destrutividade da guerra e para o que ela expõe em nós mesmos, diminuindo a esperança de superação das diferenças e revelando fragilidades. Um doloroso processo de luto.

Nossos fundadores sempre valorizaram e reconheceram as alteridades, bem como a necessidade de elaboração dos lutos em cada um como elementos necessários na formação de um grupo, o que viabilizou a formação da nossa instituição. Nas palavras de Lores Meller, por ocasião da comemoração dos vinte anos, "o grupo visava fundar uma instituição ligada à IPA, onde, tanto a transmissão da psicanálise, como o convívio entre os membros fossem pautados pelo respeito, liberdade e reponsabilidade" (Meller, 2013).

A psicanálise sempre buscou amparo na literatura. Nesta edição, homenageamos os grandes autores gaúchos Cyro Martins, Érico Veríssimo e Mário Quintana, como nossos representantes nesta arte que sempre foi utilizada por Freud, bem como por outros autores em uma profícua interlocução com a psicanálise.

Muitos têm se perguntado como se efetuam as transmissões nas instituições psicanalíticas. Pode-se pensar numa transmissão baseada no trabalho de identificação com ídolos, autores, que se assemelha àquela verificada na genealogia familiar. Ana Rosa Tratchenberg, nossa fundadora, ensina que "transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento uma história, afetos de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra" (Trachtenberg, 2013).

Como conciliar a prática clínica, com coerência e consistência teóricas, em meio a turbulências sanitárias, sociais, culturais e políticas?

O legado de nossos fundadores e de todos os colegas que nos antecederam nos permite reflexões sobre nossas identificações. As diferenças e singularidades que nos constituem trazem coragem para imaginar o amanhã.

Jornal da Brasileira

EXPEDIENTE

Editora:
Sandra Gehling Bertoldi
Conselho Editorial:
Roberto Ossig de Vasconcelos
Susana Magalhães Beck
Assistente Editorial:
Loraine Luz
Revisão de português:
Débora Jael Rodrigues
Diagramação:
Marcelo Teixeira
Capa:
Micaela Feijó Wünsch
Secretária:
Daniela Bonn

DIRETORIA

Presidente:
Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Vice-presidente:
Cesar Antunes
Diretoria Administrativa:
Augusta Gerchmann
Tesoureiro:
Rodrigo Boettcher
Diretora Científica:
Cibele Formel Couto
Diretora de Comunicação:
Sandra Gehling Bertoldi
Diretora de Divulgação:
Heloisa Zimmermann
Diretora de Comunidade e Cultura:
Vera Hartmann
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico:
Rosa A. Avritchir

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:
Laura Ward da Rosa
Secretária:
Lísia Leite
Coordenador da Comissão de Formação:
Lores Pedro Meller
Coordenadora da Comissão de Seminários:
Christiane Paixão
Coordenadora da Comissão de Formação Integrada em Psicanálise da Infância e da Adolescência:
Aline Pinto

DIRETORIA DA AMI

Presidente:
Ian Favero Nathasje
Vice-Presidente:
Julio Sperb
Secretária:
Cristiane Felix Schlindwein
Tesoureira:
Karla Aquino
Conselheiro Egresso:
Renata Manica
Conselheiro MI:
Giuliana Chiapin

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.
Praça Dr. Maurício Cardoso, 07
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

O atual presidente da FEBRAPSI, Hemerson Mendes convida-nos a brincar e exercitar nosso potencial criativo e societário. Nas palavras de Abrão Slavutzky e Edson Silva, "Imaginar o amanhã é trazer o passado para o presente, unindo experiências para pensar o futuro" (Slavutzky & Sousa, 2021).

Desejamos que desfrutem da leitura e que continuemos sonhando e construindo amanhãs.

Sandra Gehling Bertoldi
Editora e Diretora de Comunicação

Meller, L. (2013). Jornal da Brasileira.
Slavutzky, A., & Sousa, E. (2021). Apresentação. Em A. Slavutzky, & E. Sousa. Imaginar o Amanhã (p. 7). Porto Alegre: Diadorim.
Trachtenberg, A. R. (2013). Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. Em E. Trachtenberg, Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro: um destino entre gerações (p. 131). Porto Alegre.

Artigos

Ontem, hoje e amanhã!

Astrid Muller Ribeiro
Presidente da SBPdePA
Membro titular da SBPdePA

Quando se publicar este texto já será amanhã, e então já estará no passado. O hoje é apenas agora; daqui a segundos, já o deixará de ser. Dizia Cazuza: "O tempo não para". Muitas questões nos surgem ao pensar sobre esse "amanhã". De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir?

E situando o tempo presente no agora, em 2022, estamos em uma nova diretoria da SBPdePA, que aceitou dirigir uma Sociedade que já não é a mesma da gestão passada, nem das demais. Sobre aquelas que já passaram e fizeram sua história, temos muito para contar e muito já aconteceu. Alguns colegas não estão mais conosco, outros novos já chegaram e muitos outros ainda irão chegar. Temos uma bonita história de 32 anos vivida na construção da Sociedade de Psicanálise, iniciada por apenas 17 colegas fundadores, que nos deixa um legado de alicerces bem construídos para que se mantenha através do tempo como uma Sociedade aberta, liberal e sólida em seus fundamentos democráticos e éticos.

Acreditamos que foi esta base bem construída que nos possibilitou, mesmo desafiados por uma pandemia durante 2 anos que nos retirou do convívio presencial, nos mantermos como sociedade plenamente ativa e criativa, reinventando-se, adaptando-se prontamente ao sistema *on-line* em todos seus seminários, promovendo projetos de psicanálise solidária, cursos e grupos de estudo, reuniões científicas e uma grande jornada com 700 inscritos.

Também em meio a este momento, criou-se, dentro dos preceitos da ética, o Projeto Ubuntu para o ingresso de colegas negros, negras e indígenas para formação analítica por meio de bolsas. Mesmo que já passado, é o presente acontecendo com o ingresso de uma colega negra — hoje vivemos o início da sua análise de formação, com presságios de um amanhã em que teremos outros fazendo o mesmo. Este projeto criado por nossa sociedade está tendo repercussão em efeito cascata para muitas outras sociedades psicanalíticas brasileiras que nos buscam como modelo para também instituí-lo, o que nos deixa certos deste alerta e da decisão tomada. Somos hoje reconhecidos como uma Sociedade contemporânea e com muitas perspectivas para o amanhã.

Abertos ao novo sempre, acolhendo ideias e ações para o seu desenvolvimento, iniciamos agora um outro projeto de *podcast*, possibilitando levar à comunidade os conhecimentos psicanalíticos, fortalecendo os fundamentos criados por Freud, assim esclarecendo as diferenças de outras modalidades que hoje tentam se equiparar com a técnica analítica. E pretendemos trabalhar nesta gestão, na direção, com este fortalecimento e desenvolvimento da psicanálise por meio das atividades científicas e ações na comunidade.

Esta contínua abertura ao novo nos traz sempre a confiança em manter a esperança no amanhã da psicanálise e de nossa Sociedade, uma ciência sempre viva, mesmo em tempos sombrios como esta outra guerra a que a humanidade assiste hoje, perplexa. Buscamos continuar a perguntar e encontrar sentido para a crueldade no homem e nos perguntamos: "Por que a guerra?". E, ao mesmo tempo, comemoramos os 100 anos da Semana de Arte Moderna, o que nos dá a perspectiva esperançosa de que o homem se mantenha criativo em todos os tempos. Um abraço a todos.

Cyro Martins: uma lição de vida

Gley P. Costa

Membro fundador, titular e didata da SBPdePA. Professor e membro nato do Conselho Deliberativo da Fundação Universitária Mário Martins. Autor de livros de psicanálise.

É difícil falar no escritor e no psicanalista Cyro Martins sem falar nele como ser humano que tão harmoniosamente soube unir a arte da palavra, o ofício médico e a dignidade pessoal. Minha relação com Cyro Martins, através de sua obra, tem uma longa história: ainda não completara 12 anos de idade quando meu pai, entusiasmado redator da clandestina *Tribuna Popular*, falou-me daquele "simpatizante do partido" que denunciava em seus livros a violência social imposta ao trabalhador do campo. Andávamos pela metade dos anos 50, e Cyro Martins acabara de completar sua consagrada trilogia do gaúcho a pé, com *Estrada nova*, tangido por uma vaga esperança de melhores dias. Desde então, cunhava-se no meu inconsciente a figura de Cyro Martins como um escritor admirável.

Precisamente no dia 22 de setembro de 1966, como deixei registrado, dei início à leitura de seu livro *Do mito à verdade científica*, o que me possibilitou entrar em contato, pela primeira vez, com o psicanalista Cyro Martins. Dois anos mais tarde, ao concluir o curso de medicina e iniciar minha formação analítica, pude conhecer o homem Cyro Martins e desenvolver com ele uma sincera e afetuosa amizade, selada por nosso interesse em relação à psicanálise, nossos ideais a respeito da vida e nossa paixão pelo Grêmio Futebol Porto-Alegrense. Muitas vezes íamos juntos – ele, o Gildo Katz e eu – aos jogos no Olímpico e nunca deixava de me convidar para os saraus em sua casa com recitais de piano, canto, poesia e bom vinho. Encantava-o a possibilidade de reunir-se e conversar com pessoas. Uma vez, acompanhei-o numa viagem ao interior do Estado para um ciclo de palestras. Tudo isso bem acima das nossas diferenças de idade e posição: ele professor, eu aluno do Instituto de Psicanálise da SPPA, justificando o que sobre ele escreveu Dyonélio Machado: "Notável pela pureza da inspiração, pela probidade artística, notável pela originalidade". Acrescentaria ainda: notável pela cordialidade no seu mais amplo e profundo sentido.

A maior expressão da violência humana é a guerra, principalmente a guerra nuclear, capaz de liquidar irreversivelmente com a vida na Terra. Em todos os tempos, a maioria dos analistas tem procurado manter-se silente em relação às guerras e outras formas de violência social em função de uma disposição técnica que exige neutralidade. No entanto, há situações, como a que vivemos atualmente, em que o silêncio representa um verdadeiro crime contra a humanidade. Nós psicanalistas, que acreditamos no poder da palavra e nos efeitos terapêuticos da verbalização da verdade, não devemos ficar calados. Assim foi Cyro Martins que, ao aprofundar-se na questão da violência não só contra o homem do campo, mas também das guerras, revelou sua capacidade não só de escritor e psicanalista, mas principalmente de humanista. Sua obra magistral a esse respeito é o ensaio *Humanismo psicanalítico e a guerra,* publicado em 1983. Nesse texto límpido, ágil e incisivo, Cyro Martins soube dosar em boa medida os profundos conhecimentos teóricos do psicanalista e a natural revolta do pacifista. Atitude que Freud, em sua famosa correspondência com Einstein, enfatizou não se relacionar apenas a um repúdio intelectual e emocional, mas a uma intolerância constitucional, uma idiossincrasia exacerbada no mais alto grau em relação a qualquer forma de emprego da força para dobrar a vontade de um povo.

O referido artigo, escrito no clima de insegurança diante da ameaça nuclear que marcou os anos da guerra fria e que volta a nos atormentar, revela um Cyro Martins que vivera a experiência da Primeira Guerra Mundial ainda menino, lá no interior de Quaraí, onde nasceu. Reporta-se também à lembrança de uma manhã nublada de 22 de setembro de 1939, em que, entre as notícias do jornal *Correio do Povo* sobre a recém iniciada Segunda Guerra Mundial, encontra uma pequena nota a respeito do falecimento de Sigmund Freud. A morte do criador da psicanálise, aos 83 anos, ocorrera na véspera, dia 21. O jovem psiquiatra e futuro psicanalista dobrou o jornal, colocou-o embaixo do braço e seguiu sua caminhada pela Rua da Praia pensando na grandeza

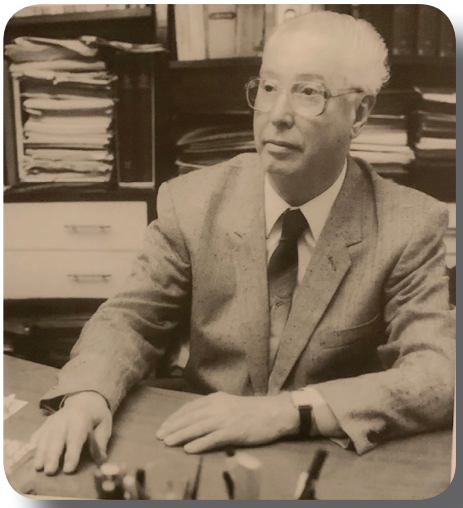
daquele homem, cuja mensagem poderia, no futuro, na paz propícia a opções racionais, contribuir para melhorar a condição humana. Tenho a impressão que essa experiência fundou o humanismo psicanalítico de Cyro Martins, de uma forma que pode muito bem ser representada por esta passagem da carta de Freud a Romain Rolland, em 1926: "Dadas as nossas disposições instintivas e o nosso meio circundante, o amor ao próximo deve ser considerado tão indispensável à sobrevivência da humanidade quanto a tecnologia".

Cyro Martins, com sua obra, suas aulas e sua convivência, representou para mim uma das mais ricas lições que a vida me proporcionou em longo tempo de existência. Aprendi com ele que "o ideal mesmo é a gente poder não se sentir jamais em fim de festa e experimentar o gosto de viver no devir do dia-a-dia, infinito recomeçar da criação".

Gostaria de encerrar esta homenagem que, por meio das minhas palavras, a Sociedade Brasileira de Psicanálise presta a essa figura inesquecível e histórica da ciência e das letras rio-grandenses, citando o último parágrafo de *Humanismo psicanalítico e as guerras*, o qual volta a soar com a mesma força e com a mesma esperança de quando foi escrito:

> A intuição poética de uns e o saber científico de outros, aliados, poderão, talvez, derivar a agressividade humana de seus rumos destrutivos e lhe proporcionar outro prazer, o de reparar, o de sublimar, o de construir, enfim, oferecendo aos povos uma pista comum de entendimento para que a imagem do mundo que amanhecerá amanhã fulgure atraente, sem ser uma miragem.

Cyro Martins: dados bibliográficos



Cyro Martins nasceu em 1908, em Quaraí-RS. Escreveu seus primeiros contos e artigos aos 15 anos. Em 1928, com 19 anos, ingressou na Faculdade de Medicina da UFRGS. Já formado, em 1934 retornou a Quaraí para fazer a "prática da medicina" nos bairros e vilas da cidade. Nesse mesmo ano, lançou o livro *Campo Fora* (contos). Em 1937, foi estudar neurologia no Rio de Janeiro, onde publicou *Sem Rumo*, o primeiro romance da famosa trilogia do gaúcho a pé, seguido de *Porteira Fechada* (1944) e *Estrada Nova* (1954). Em 1951, mudou-se para Buenos Aires a fim de realizar sua formação psicanalítica. Retornou em 1955 como membro da Associação Psicanalítica Argentina, dando início à prática analítica em Porto Alegre, tanto individual como em grupo. Com personalidade eminentemente agregadora, teve participação ativa na criação e no desenvolvimento da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo e da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Faleceu em 15 de dezembro de 1995. Sua ampla, profunda e fulgurante obra inclui:

FICÇÃO

Campo Fora (contos) – 1934
Sem rumo (romance) – 1937
Enquanto as águas correm (romance) – 1939
Um menino vai para o colégio (novela) – 1942
Porteira fechada (romance) – 1944
Estrada nova (romance) – 1954
A entrevista (contos) – 1962
Rodeio (estampas e perfis) – 1976
Sombras na correnteza (romance) – 1979
A dama do saladeiro (contos) – 1980
O príncipe da vila (novela) – 1982
Gaúchos no obelisco (romance) – 1984
Na curva do arco-íris (romance) – 1985
O professor (romance) – 1988
Um sorriso para o destino (novela) – 1991

ENSAIOS

Do mito à verdade científica – 1964
Perspectivas do humanismo psicanalítico – 1973
Escritores gaúchos – 1981
O mundo em que vivemos – 1983
A mulher na sociedade atual – 1984
Caminhos (ensaios psicanalíticos) – 1993
Páginas soltas –1994

MEMÓRIAS

Para início de conversa – 1990

Trecho

O humanismo de hoje, evidentemente, não é nem poderia ser igual ou parecido ao da Renascença, que se inspirou na antiguidade grega. O humanismo de nossos dias é um humanismo voltado para o futuro, que aspira a abranger os mais variados ramos do saber, de molde a equilibrar os condicionamentos do meio com as ideias abstratas, e daí partir para uma saída através de fatos e circunstâncias inerentes à nossa cultura, entre eles o exercício prático da proteiforme tecnologia contemporânea. Por isso não julga uma ciência superior a outra, elas se completam.

Entretanto, nos incita a meditar sobre a circunstância de serem as nossas mais profundas e duradouras gratificações provenientes de fontes somáticas, intelectuais, morais e estéticas. Nós, estudiosos, como agentes do futuro, temos deveres e privilégios. Estes são prerrogativas de quem chega na frente. Os deveres se referem ao destino coletivo. O destino não se enfrenta de olhos fechados, submissos à fatalidade da tragédia grega.

Cabe-nos, nesta encruzilhada da conjuntura mundial, enfrentar a esfinge com um sistema objetivo de pensamento e ação, para que possamos planejar o futuro previsível. A primeira medida deverá consistir na renúncia das palavras pretensiosas que conduzam ao pseudoconhecimento conceitualizado, forma neutralizadora do contato direto com a realidade. A civilização ocidental, através de grandezas, acertos, erros e misérias, nos colocou às portas de uma tomada de consciência humanística, que compreende uma conotação trágica e que deverá levar os homens mais esclarecidos a repensar o nosso entusiasmo pelos milagres da técnica, tão fabulosos e arrebatadores que obscurecem a suprema obra da natureza, a unidade mente-corpo, denominada homem.

MARTINS, C. (1983). O mundo em que vivemos. Porto Alegre: Movimento, p. 102,103.

Apesar de você, através de nós

Hemerson Ari Mendes

Psicanalista (SPPEL) e atual presidente da FEBRAPSI

Por cacoete do ofício, fui buscar o ontem com o qual o "amanhã" estará para sempre ligado na linha do tempo do Jornal da Brasileira. Encontro que o "infantil" precedeu o "poder" que, no jogo do rabisco, entre uma diretoria e outra, se liga com a atual proposta temática.

Por associação, já que os poetas populares chegaram até mim antes dos psicanalistas, lembrei-me que, no ontem da minha infância, escutava Simone a interpretar as universais angústias de João Sérgio sobre o amanhã. Evocava a cigana, a bola de cristal, os búzios, a cartomante, lia o zodiacal e sonhava:

Como será amanhã?
Responda quem puder
O que irá me acontecer?

Eu, pressionado pelo temor gerado pelas incertezas, buscava segurança no otimista rabisco de Guilherme Arantes:

Amanhã será um lindo dia
Da mais louca alegria
Que se possa imaginar [...]
Amanhã está toda a esperança
Por menor que pareça
O que existe é pra festejar

Entretanto, antes, Chico, reticente, avisava que não se devia fechar os olhos diante do abusivo "poder" que *inventou de inventar toda a escuridão, que inventou o pecado e esqueceu-se de inventar o perdão.* Contudo,

entre o realismo e a esperança, era assertivo:

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia

Afinal, resumindo, nada impediria o galo de cantar, a manhã de renascer, a água de brotar, o céu de clarear, o jardim de florescer e a gente de se amar.

Por outro lado, não posso dissociar que o convite para ocupar este espaço relaciona-se ao fato de que, no amanhã do presente biênio, estarei presidente da FEBRAPSI, representando as federadas da Região Sul. Aqui, novamente, os rabiscos do infantil, do poder e do amanhã se unem. Há alguns anos, escrevi, no Observatório Psicanalítico da nossa federação, uma crônica intitulada *Quero ser presidente!* Entre o brincar e a ironia, descrevo sobre os aspectos infantis – no sentido do não elaborado; também temos o necessário infantil que deve sobreviver ao adulto – presentes nas renhidas disputas políticas pelo poder. Via de regra, uma miragem. Metáforas, como já escreveu Kundera, são perigosas; não se brinca impunemente com elas. Não é só o amor que pode surgir a partir de uma; elas também funcionam como bumerangues, e ninguém tem a prerrogativa de se negar alvo.

Na minha infância, ser presidente não era o desejo manifesto; aliás, de nenhuma criança; em uma época em que profissões tinham gênero, no universo masculino nada superava policiais, bombeiros, maquinistas... Não se deve esquecer *a pureza da resposta das crianças e a beleza de ser um eterno aprendiz*. Eu queria ser poceiro!

Eles eram importantes na comunidade em que cresci; água era um luxo, todas as casas tinham um poço no seu quintal. A sedução pela função estava na varinha mágica que eles utilizavam para encontrar o veio d'água, que definia o local a ser cavado. Utilizava-se uma forquilha de madeira, com as palmas da mão para cima, fazendo uma pequena pressão para entortar as extremidades para fora. Quando a ponta se mexia, é porque estaria se passando por uma corrente subterrânea de água. Como podem perceber, poceiros e psicanalistas têm os pajés como ancestrais comuns, e o oculto, invísivel e profundo como objeto de busca. Está autorizado, cada um com sua varinha mágica, a brincar de interpretar meus infantis desejos.

Crianças, envoltas por suas fantasias, buscam o desenvolvimento dos melhores instrumentos para saciarem no presente/futuro suas sedes/necessidades.

No amanhã do mandato, gostaria que o infantil poceiro e o brincar criativo com os colegas de diretoria sobrevivessem às atávicas tendências de se atribuir ao poder deturpadas importâncias. Federações são cisternas coletivas, das/nas quais todos podem ter acessos aos vitais líquidos.

Federações têm, em sua base fundante, a generosidade; afinal, as grandes sociedades abraçam e aderem à equidade como um valor acima de seus tamanhos, pesos e poderes. Por outro lado, elas são o reconhecimento de que os horizontes para o amanhã ficam estreitados sem os subterrâneos vínculos que nos alimentam. Como psicanalistas, sabemos que sempre teremos que lutar contra o "você" do Chico que, não raro, também é um "eu/nós" a inibir o amor e impor o silêncio.

O amanhã, segundo Freud, pode ser o futuro, substantivo no qual, mediante a racionalidade, poderemos abrir mão das ilusões da religião; por outro lado, paradoxalmente, Pfister, na provocativa resposta/título, lembra que, sem a fé, é o futuro que pode ser uma ilusão. Entre uma posição e outra, fico com o desenvolvimento criado pelo vi(í)vido e profícuo diálogo de 30 anos entre eles.

Precisamos reconhecer, como sintetiza Mário Quintana, que "o passado não reconhece seu lugar, está sempre presente" e, portanto, pode gestar (a)manhãs nubladas(os) compulsoriamente por passados não pensados. Para tanto, reproduzo o encerramento do discurso de posse na FEBRAPSI: "Para apalpar as intimidades do mundo, é preciso saber: a) que o esplendor da manhã não se abre com faca [...]. Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios".

Amanhã Mário Quintana (ontem e hoje também)

Caroline Milman

Psicanalista, membro associado da SBPdePA

Quem seria eu se não tivesse conhecido os poemas de Mário Quintana? *A Rua dos Cataventos* estava rolando pela minha casa, leitura de meu irmão. E como tudo que vinha de meus irmãos mais velhos me interessava, fui conhecer poesia. Além disso, catavento é em si uma figura cheia de mistérios para uma criança. E dali em diante jamais deixei de girar sob a brisa do nosso poeta maior. Só de pensar em sentar-me para escrever sobre Mário Quintana, já sinto a inquietude tão familiar que seus

poemas me geram. Não é uma inquietude ruim. Nem boa. Acho mais que pode ser porque o menino dele se comunica muito bem com a minha menina. Embora seja esta uma prerrogativa da poesia em si e dos efeitos nos leitores de poesia, neste caso específico, acho que consigo identificar qual a parte do seu menino se liga a minha menina. Sei que muitos também sentem a mesma coisa.

Soube, não faz muito tempo, que Mário Quintana foi uma criança de aquário, como ele mesmo se denominou. Por ser muito doente, sua mãe não o deixava ir para a rua brincar com outras crianças. Ficava olhando pela janela de seu quarto. Em mim, os poemas de Mário Quintana despertam justamente uma sensação de resignada tristeza. Tipo uma tarde outonal de domingo muito silenciosa, a não ser pelo tic-tac do relógio de parede. Relógio este, segundo ele, o mais feroz dos animais domésticos: *"Conheço um que já devorou três gerações da minha família"*. O tempo, para Quintana, era mesmo devorador.

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas.

Como deveria, para ele, ser espectador do tempo das outras crianças? Um tempo que para os outros podia ser usado, experimentado. Em muitos poemas de Quintana, aparece uma relação desencontrada com o tempo. Um tempo não apreensível, feroz e implacável. No famoso poema *Seiscentos e sessenta e seis*, que escreveu com 74 anos, encontramos:

A vida é uns deveres que nós
trouxemos para fazer em casa
Quando se vê, já são 6 horas:
há tempo...
Quando se vê já é 6ª feira...
Quando se vê passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia –
uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a
casca dourada e inútil
das horas.

Seguir em frente é a missão do tempo para nós. *"Antes todos os caminhos iam, agora todos os caminhos vêm. A casa é acolhedora, os livros poucos. E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas."*

Na passagem do tempo, que Quintana associa com o caminhar, aparece a nostalgia pelo que não se fez, pelo que não se teve, pelo que se deixou no caminho. (*"Sinto uma dor infinita das ruas de Porto Alegre onde jamais passarei"*). Também denuncia a surpresa por ver-se envelhecer e reivindica seus brinquedos da infância, que ficaram todos pendurados numa galharia torta.

Recordo ainda... e nada mais
me importa...

Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam sempre se lembrança,
Algum brinquedo novo à *minha porta...*

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, ai.
Embora idade e senso eu aparente
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu um dia, de repente!

Creio que seus leitores jamais se iludem do "velho que ali vai", sabem que ali tem um menino de alma livre, um passarinho. De minha parte, tenho pouca dúvida de que o encantamento pelas palavras de Quintana se assemelha muito ao encantamento da criança ao observar uma borboleta ou um vagalume. O cheiro do frio, registros sensoriais de delicadezas que a vida se encarrega de catalogar e arquivar. Felizmente, a poesia torna tudo acessível novamente. Eis a inquietude!

Winnicott, leitor de Érico

Celso Gutfreind

Psicanalista e escritor
Membro titular com funções didáticas da SBPdePA

Convidado para escrever sobre o Érico Veríssimo, escritor homenageado no Congresso da FEBRAPSI, pensei que havia chegado a hora de quitar duas dívidas com este exímio contador de histórias.

Uma, escrever um artigão sobre a saga *O Tempo e o Vento*, berço mítico de nossa vida em si e que tanto marcou a minha adolescência. Devolver, enfim, ao capitão Rodrigo as palavras que ele tanto fomentou. Outra, escrever um artiguinho sobre os seus contos para crianças, berço mítico de nossa infância em si, e que tanto marcou a minha. Devolver, enfim, ao capitão Tormenta os espaços lúdicos que ele tanto abriu.

Não sei se por saúde, se por compulsão à repetição, ou por ambas, senti-me compelido a retomar um trecho do Érico, distante de seus livros, e presente na correspondência pessoal com o poeta Armindo Trevisan.

O próprio Armindo me alcançou, um dia, como se me alcançasse algumas confissões de dois grandes seres humanos, sem saber que me concedia uma das maiores lições de psicanálise que eu já vi impressa. Érico fofocava (era carta) seu desagrado com uma romancista por considerá-la cognitivamente, mas não emocionalmente, inteligente. Vamos às suas palavras propriamente escritas:

> [...] eu gostaria que ela fosse menos aguda para bem da sua própria literatura. Ela trespassa as personagens com a violenta luz de sua inteligência penetrante e acaba deixando as suas criaturas transparentes, transfixadas, anuladas, destruídas. O romancista precisa às vezes usar também as patas para escrever. (Exemplos: Tolstói, Dickens, Balzac, Stendhal...).

Érico escreveu em maio de 1965. E, mais adiante, acrescentou:

> Acho que entre os escritores brasileiros de prosa, ela e o Guimarães Rosa são os únicos que têm às vezes lampejos de verdadeiro gênio. Mas o romance não exige gênio. Nem mesmo uma inteligência superaguda. Exige uma capacidade de empatia, de sair fora de si mesmo, de meter-se na pele dos outros (embora esses outros possam não ser da nossa família espiritual) e depende também duma espécie de aceitação (que é feita metade de revolta) da vida. Estarei fazendo um paradoxo? Quando eu digo aceitação, eu me refiro a uma atitude que pode ser traduzida assim: Bom, esse mundo que aí está, existe. Não fui eu quem o fez ou quem o tornou complicado. Se eu o aceito passivamente, caio em depressão. Se me revolto com fúria, transformo-me numa espécie de niilista e vivo em permanente atitude de agressão. Que fazer? É nessa hora que entra a capacidade de ser um pouco "burro", de ter um tiquinho de sense of humour e empregá-lo na interpretação do mundo.

Por mais que a psicanálise seja um trabalho clínico e prático, teorias a sustentam e, volta e meia, dão-nos lições de como trabalhar. Como esquecer-se do jogo da bobina, do próprio Freud, mostrando-nos que é preciso brincar para separar-se, e separar-se para viver... Do mesmo Freud, como esquecer-se, a partir do Michelangelo, a importância da arte para envelopar, no melhor dos sentidos, a nossa pulsão? E o nome do pai, em Lacan? E suportar não saber, em Bion?

Cada um desses lampejos de genialidade nos ampara e ensina, mas nenhum deles vem me acolhendo tanto como esse não intencional, do Érico. Assim, a cada dia, a cada encontro, tento exercitar uma inteligência menos racional e mais empática para dispor-me a um encontro com o outro, no rumo de conhecer-se e, suportando a realidade, expandir cada vez mais a imaginação, sabendo que no fundo nada sabemos, a não ser que Donald Winnicott deve ter lido Érico Veríssimo. Ou vice-versa.

Sonhar o amanhã

Vera Hartmann

Diretora de Comunidade e Cultura

Paula Daudt Sarmento Leite

Membro da Comissão de Comunidade e Cultura

Na maioria das vezes, o desejo incita à ação e esta, ao ser atravessada pelo tempo, pode ocasionar conflitos entre os desejos. Antecipar ou retardar a satisfação do desejo? Agora isso, ou aquilo depois? Até que ponto podemos desfrutar do momento ou se faz necessário cuidar do amanhã? Qual o significado da ousadia? Seguimos em frente ou aguardamos em "porto seguro"?

Perguntas para as quais, muitas vezes, não encontramos respostas.

Nesse período de grandes incertezas, o que se pode esperar do futuro? A esperança de vida e as crenças têm um papel relevante nas questões de presente e futuro! "Como será o amanhã, responda quem puder" — a letra da música apresenta o desafio: quem pode responder sobre o amanhã?

Podemos fazer um esforço de pensamento e certamente algumas hipóteses surgirão tanto no campo do indivíduo quanto da sociedade. Mas, para além das hipóteses, qual seria a função que nos permite imaginar o amanhã?

Lembramos aqui do poeta Manoel de Barros com o seu "abridor de amanhecer" e perguntamos: qual seria o abridor de amanhã?

Consideramos que a capacidade de sonhar, fundada na primeiríssima relação entre o bebê e seus pais, entre o bebê e seu ambiente, seja a mais importante aquisição humana. Um bebê precisa de alimento e de cuidados corporais aliados ao cuidado com a sua subjetividade. Ser "sonhado" por um outro inaugura a área, essencial por toda a vida, que nos torna capazes de brincar e de desfrutar a cultura: a área intermediária entre o eu e o outro. Sem essa área, somos incapazes de abrir o amanhã. Somos incapazes de sonhar.

Cuidar da subjetividade hoje, criar/sonhar nossos bebês para que eles possam seguir indivíduos capazes de uma vida criativa, com intimidade e empatia, torna-se a mais importante transmissão.

E a arte é parceira da psicanálise! Arte enquanto forma de manifestação dos sentimentos. Arte enquanto sensibilização humana como representação da realidade! Precisamos ler, escutar, ver, sentir a arte enquanto forma de expressão dos desejos e conflitos! Um dos nossos objetivos com a Diretoria de Comunidade é trazer a arte para dentro de cada um de nós.

Integram a Comissão de Comunidade e Cultura: Vera Hartmann (diretora responsável), Alexandre Antunes, Angela Beatriz Schwerz, Cristina Wünsche, Denise Zimpek T. Pereira, Helena Surreaux, Nicole Campagnolo, Vera Regina Subtil Viuniski.

O Eu e o coletivo: laços criativos e destrutivos

Eliane Nogueira

Coordenadora da Comissão Ubuntu

Este tema me encontrou num momento em que redescobria a palavra "coletivo". Confesso que ainda não havia entendido plenamente essa expressão até conversar com uma mulher negra, de quem ouvi uma pergunta que me transformou: que diferença era para mim o individual e o coletivo a partir de minha condição de mulher branca? Entendi que sabia o que era o individual, mas não tinha vivência verdadeiramente coletiva. Então, que tipo de laços costumava fazer, especialmente, como psicanalista? Voltaremos a isso mais tarde.

Começarei pela psicanálise propriamente dita, nas concepções de individual (eu) e coletivo (outros). Falemos do eu. Todos sabem que o psiquismo vai se constituir na presença do outro se ele for suficiente e cujo narcisismo, enquanto energia de vida, puder ser compartilhado. Joyce McDougall (1983), ao lembrar o mito de Narciso, citando Christian David (1974), resgata uma bela definição sobre laços ou estados amorosos, bases da constituição. Diz o autor: "Não há cunho propriamente amoroso sem o reconhecimento de uma irremediável insuficiência narcísica, ou mais exatamente, de *uma inelutável exigência do outro, enquanto outro e porque outro*. É a diferença que, por definição, faz com que o objeto pertença ao dinamismo sexual. A similitude reside na falta comum e na reciprocidade de desejo de repará-la".

Podemos lembrar de Freud, com seu famoso capítulo 7 do livro *Psicologia das massas*, afirma que o encontro inicial com o objeto é o primeiro enlace afetivo, o qual vai resultar na identificação, somatório singular e inequívoco dos investimentos e falhas objetais. Portanto, para a sobrevivência, o coletivo (outro) vem antes do individual (eu) e não o contrário. Podemos polemizar a questão, mas sem o outro, não há eu.

No mito de Narciso, o jovem morre ao se voltar por inteiro para si mesmo (ou ainda estaria buscando o outro projetado no espelho da água?). Em patologias severas, quando o psiquismo rompe com a realidade e se volta para o mundo interno, a regressão a um estado narcísico não estaria buscando algum acolhimento em si mesmo ou em objetos internos? Sem o outro, sem realidade externa, se morre ou se adoece. É preciso um compartilhamento narcísico, uma ação específica, um objeto suficientemente bom, mesmo com

falhas. Aí sim, teremos algo que podemos chamar de laço afetivo ou, como colocado no título, laços criativos. Mas, sabemos que isto não é regra e que a gangorra dos investimentos psíquicos pode causar tombos definitivos ou, no mínimo, desastrosos.

Ainda assim, sabemos que a destrutividade que nos compõe tem função importante porque nos desacelera no ímpeto narcísico de busca de puro prazer. É preciso que haja uma dinâmica hidráulica no jogo de forças antagônicas e isto impede a implosão do aparelho psíquico. Amor e ódio são constitutivos tanto do individual quanto do coletivo (no sentido do outro). Estarão tanto na criança quanto na mãe. Será preciso muita vivência de falha, dor e perda para que a criança se "desplugue" do amor dependente de seus objetos e siga seu desenvolvimento.

Segundo Winnicott, o psiquismo em formação precisa da agressividade inicial para se defender da percepção exteriorizada da realidade, do outro separado de si, e assim serão constituídos os primeiros sinais de subjetividade que compõem um processo de encontrar e criar objetivamente o objeto. Escreve, em 1971, que o objeto é construído pela destruição e pela sobrevivência, nesta ordem. O objeto que se apresenta para ser encontrado causa a reação de ódio e destrutividade diante da realidade externa frustrante.

Diz Roussillon (2006) que "a apropriação representativa do objeto mobiliza uma angústia de destruição do objeto", o que teria importante influência nos avatares da destrutividade futura do sujeito. O objeto e o mundo podem ser usados sem tanto temor. Nesse contexto, criatividade e destrutividade têm um fim comum e produzem laços.

O que acontece quando temos laços mais destrutivos do que criativos quando esta gangorra se desequilibra? Provavelmente, a capacidade narcísica do outro em sobreviver e aprender a compartilhar falhou. Estamos falando de desamparo. Quando alguém já não enxerga o outro, quando não se importa, não entende que o outro é seu alimento e nutrição, estará sozinho. Perde a capacidade de proteger-se no coletivo que o cerca e passa a atacar ou atacar-se. Não aprendeu a tolerar. Como na guerra, morrer ou viver se misturam.

André Green (1997) fala das forças destrutivas como potencial de desligamento, de desinvestimento e das forças eróticas e criativas como potencial de ligação e de investimento amoroso. Esse ambivalente jogo de forças tende a se perturbar quando existe a chance de domínio do outro, aquele do qual dependemos sempre. O desequilíbrio do poder. Ou nós o dominamos ou somos dominados.

Lembrando que não apenas a psicanálise, mas também a religião e a mitologia trazem que o disruptivo está na base de tudo que compõe o humano. A desordem na qual somos compostos vai buscar a organização para a sobrevivência e encontra algo além de si. Para libertar-se do caos, faz acordos. Alguns acordos conseguem gerar possibilidades de outros afetos, porque não se quer a morte. Outros tornam-se Sísifo pela busca de sobrevivência.

Na lenda grega, o acordo com Thanatos para livrar-se da morte era levar a pedra até o alto da montanha, mas como ela escorregava novamente até a base, obrigava-o a ter de empurrá-la de volta, indefinidamente. Podemos pensar na compulsão à repetição (outros pensam na esperança dos recomeços). Numa certa medida, a relação do mundo com suas possibilidades de crescimento tem suas fases de Sísifo.

Nossa saga parece ser aplacar Thanatos, esse que nos habita desde sempre, sem nos subjugarmos ou idealizá-lo, mas tornando-o útil como força até torná-lo um aliado. A vida pulsa e pede que nos enlacemos para nos fortalecer. No entanto, revisando o *Mal-estar na cultura* (1930), obra prima de Freud ao descrever o homem social, percebe-se a ideia da pulsão de morte contendo a "vontade de destruição". Garcia-Roza, no livro *O mal radical em Freud* (1990), discorda do termo e usa "potência de destruição", com o qual me alio para seguir pensando sobre a destrutividade. Diz Freud que é impossível não reconhecer que há satisfação na destruição e que com isso "o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo" (p. 134).

Foi difícil para Freud aceitar essa condição do humano. Reconhecer uma pulsão destrutiva como algo totalmente independente do erótico vital seria também aceitar a tese da maldade fundamental e irredutível do ser humano, conforme Garcia-Roza. Assim, a pulsão destrutiva ataca a cultura, o coletivo de pessoas que se juntam para produzir sobrevivência, prazer, afetos e até mesmo proteção. Convém apenas entender que Eros é agregador e tende à indiferenciação e que Thanatos é disruptivo e vai atacar a perpetuação de uniões, o que gera crise, mas, com equilíbrio, o

crescimento. Incrível saber que na ideia freudiana, a pulsão de morte possa ser também criadora e não apenas conservadora. A questão do poder entra novamente em questão. Como diz Garcia-Roza, é a potência de destruição que pode aniquilar a ordem natural dos desejos humanos de aglomerar e viver em paz.

Voltemos ao coletivo. Vamos entender o que isto significa na sua contemporânea definição. Coletivos são agrupamentos que comungam de um mesmo interesse comum, que juntos pensam ou lutam pelo que acreditam. Assim, podem interferir na cultura, na política, na saúde ou na educação, ou seja, campos em que existem muitas possibilidades de criação ou profundas falhas. São, em essência, um grupo de pessoas partilhando e lutando pelo melhor para sua existência ou sua comunidade.

Volto ao início de minha fala, quando citei minha recente descoberta da palavra coletivo, no sentido da branquitude (uma construção de visão do branco como superior ou belo, ditando o padrão do que seria universal e tornando-se um privilégio estrutural, segundo Lia Schucman). Penso em todo o processo de constituição e construção do Projeto Ubuntu pela Comissão Ubuntu da Sociedade Brasileira de Psicanálise Porto Alegre. Esse projeto é direcionado a colegas negros, negras e indígenas, por meio de bolsas de formação para o ingresso no Instituto de Psicanálise. Participo dessa Comissão. Essa experiência tem sido transformadora na minha vida. Tenho pensado muito e percebi que os laços que eu tinha eram tudo, menos coletivos, sob esse novo prisma. Trabalhamos, principalmente, nas falhas e faltas individuais e não nas coletivas, no sentido que me ensinou aquela mulher negra.

Especialmente, pela via de Winnicott, as pessoas negras não conseguiram, a meu ver, no enorme desamparo decorrente do racismo e do preconceito, construir um espaço analítico onde pudessem atacar e destruir nossa branquitude, de modo que pudéssemos sobreviver a tudo isso que nós próprios criamos enquanto pessoas brancas, ainda que involuntariamente ao não nos darmos conta.

Temos que construir um espaço de ilusão e acolhimento dessa força reativa para que nos deixemos usar, como objetos subjetivos, até que em algum momento de um processo longo, difícil, sofrido e necessário, possam encontrar uma identidade analítica que espelhe o seu coletivo, sua cultura. Hoje, o Projeto Ubuntu espera criar condições para ser usado, como ensina Winnicott, gerando as bolsas de formação por meio de ações da SBPdePA e de doações de pessoas ou empresas. Esperamos poder nos tornar um espaço potencial para o novo e não um lugar repetitivo, onde a pedra invariavelmente rola e não pode encontrar um lugar de pouso e até mesmo voos.

Ao me deparar com a questão do racismo e do preconceito, entendi que, se a minha parte individual ia muito bem, o meu olhar para o coletivo continha destrutividade, porque tinha desligamento e indiferença ao sofrimento que estava em todos os lados. Não via que havia desequilíbrio e poder no meu olhar sobre o outro.

Vê-se como também somos frutos da cultura em que estamos inseridos. Sabemos de tudo isso que acabei de comentar sobre a teoria. Mas não temos a menor ideia ou experiência do que seja um verdadeiro coletivo social. Quando descobri que os coletivos têm a força da sobrevivência, que pessoas negras, indígenas, judias e pessoas em vulnerabilidade juntam-se para criar laços para maior proteção ao destrutivo do poder de domínio, entendi que adoecer pode curar. Estamos ainda ambivalentes diante desses impactos, mas quem sabe tenhamos o lado criativo e disruptivo de Thanatos e possamos libertar Sísifo em sua dimensão dos novos começos e de elaboração psíquica do traumático transgeracional.

A psicanálise é, em si, disruptiva. Cresce ao se complexizar na dimensão do coletivo, da luta criativa, da articulação espectral entre amor/confiança mútua *versus* ódio/horror ao outro. Estamos no território da hipercomplexidade dos tempos atuais em que o individual e o social são campos em constante movimentação mútua. Potencializar a potência da coragem e não a potência da destruição, para que o diferente não seja visto como perigo a ser eliminado. Não somos iguais, somos singulares.

---

1 - S. Freud. Para introduzir o narcisismo. Standard Ed. RJ, 1914/1969.
2 - S. Freud. Psicologia das massas. Standard Ed. RJ, 1921/1969.
3 - C. David. Êtat amoureaux. Payout, Paris, 1974.
4 - F. Dolto. J. Nasio. A criança no espelho. ArtMed, Porto Alegre,1991.
5 - R. Roussillon. Paradoxos e situações limites da psicanálise. Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2006.
6 - A. Green. As cadeias de Eros. Vértices, Lisboa, 2000.
7 - L.A, Garcia-Roza. O mal radical em Freud. Zahar, RJ, 2004.

O efeito pandêmico na formação psicanalítica*

Laura Ward da Rosa

Diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

A partir de 2020, o mundo mergulhou num novo tempo no qual a presença de um vírus mortal determinou uma súbita desaceleração nos contatos entre as pessoas, nos diversos continentes e países, acompanhada da necessidade de acelerada aquisição de conhecimentos tecnológicos para poder dar conta das informações e atividades profissionais a distância, por meio do uso digital e virtual que pudesse manter a comunicação. Toda essa exigência, tendo como pano de fundo a ameaça da doença, obrigou nosso Instituto a rapidamente adequar-se ao trabalho *on-line*, conseguindo instalar e manter seminários, análises e supervisões em atividade, evitando que a formação sofresse descontinuidade ou fosse interrompida.

Além disso, para agravar as perdas e os lutos, as famílias ficaram impedidas de comparecer às cerimônias fúnebres. Todos esses eventos ressoaram em nossos consultórios, no sofrimento a cada dia acrescido das perdas de queridos colegas e na impossibilidade do conforto de um abraço ou do ombro amigo e da presença física do outro.

Se pensarmos na história da psicanálise, notamos que, desde o início, a conjunção de peste e trabalho analítico esteve a desafiar a força das pulsões de vida que nos mantém presentes e atuantes na clínica e na transmissão e formação de analistas, tendo Freud sofrido a perda de sua querida filha Sofia na gripe espanhola, que matou mais de quarenta milhões de pessoas entre 1918 e 1920. Em carta escrita ao pastor Oskar Pfister, Freud afirmava: "A evidente brutalidade de nossos tempos pesa sobre nós". Ainda sob o impacto desses tempos, passa a redigir *O mal estar na civilização*, publicado em 1930.

O primeiro Instituto de Formação Psicanalítica estruturado foi fundado em Berlim em 1923, por Eitingon e Abraham, a partir da policlínica psicanalítica de Berlim, que funcionava desde 1920. A formação estava baseada em três pilares: análise didática, formação teórica e exercício clínico e técnico. A partir dessa estruturação, o modelo Eitingon é oficializado e a psicanálise se institucionaliza, cria-se um comitê que elabora as diretrizes da formação, e vários candidatos vinham de Viena e de outras cidades e países para fazer a formação em Berlim.

Hans Sachs é nomeado, por Abraham, como diretor da Comissão de Análise Didática e o Instituto chega a ter vinte e cinco candidatos iniciando sua formação oficial. Os requisitos iniciais estabelecidos por Freud, que eram o reconhecimento do inconsciente e da sexualidade infantil, passaram a exigir supervisões (chamadas análise de controle) e estudos teóricos estruturados, durando três anos todo o período de formação.

Porém, em 1925, a guerra chega e Berlim cai sob o domínio nazista, o trabalho se interrompe. Fundam-se novos Institutos em Londres e Viena. A psicanálise segue vencendo todas as adversidades e muitos outros institutos são fundados em diversos países e atualmente três modelos são oficiais: o modelo Eitingon, o modelo francês e o modelo uruguaio. Desde 1919, porém, já Freud nos advertira em *Novos caminhos da terapia psicanalítica* sobre a importância de adaptar nossa técnica às condições do momento e não nos deixarmos vencer pelas adversidades.

Desse modo, a IPA (International Psychoanalytical Association) e a FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina), em tempos de covid, trataram de buscar informações junto aos Institutos de transmissão e formação psicanalítica sobre como decorreu o nosso trabalho nesses dois anos de pandemia e de como conseguimos sustentar a formação com as novas ferramentas do trabalho *on-line*, organizando a Reunião dos Diretores de Institutos, ocorrida no último dia 30 de abril de 2022, da qual participamos como representantes da SBPdePA.

Nesse encontro, foram estabelecidos três eixos de discussão: 1. Que mudanças de regulamentos serão necessárias implementar pós-pandemia, a partir da experiência nos últimos dois anos de trabalho na transmissão da psicanálise? 2. Que atualizações devem ser feitas nos

programas da formação? 3. Quais possibilidades se abrem para os três eixos do tripé em relação ao trabalho interinstitucional?

As novas ferramentas fornecidas pela virtualidade serão definitivamente incorporadas como válidas e eficientes, em que pese a importância indiscutível do trabalho presencial e o modelo híbrido ganha importância para atender às demandas de candidatos que moram a distância. Com relação ao trabalho interinstitucional, ficou destacado o valor do trabalho dos institutos junto às comunidades, sendo que a pandemia evidenciou que novas fronteiras foram abertas para os psicanalistas junto às equipes de saúde, às universidades, aos projetos sociais — como na nossa SBPdePA, o Projeto Ubuntu, que possibilita a formação analítica a negros e negras e indígenas que recebem bolsas para que possam fazer a formação, e também o projeto Tênis, dirigido a crianças em situação de vulnerabilidade social.

O trabalho extramuros possibilita a escuta das comunidades carentes, e grupos de estudos podem ser organizados com os membros dos Instituto sobre os fatores emocionais implicados no adoecer, sobre as relações familiares, infância e adolescência na atualidade, sobre arte e psicanálise etc. À propósito, no encerramento do Encontro de Diretores de Institutos da FEPAL, que contou com a presença de representantes da IPA, o diretor do Instituto da APA (Associação Psicanalítica Argentina), Norberto Marucco e Ricardo Carlino, Diretor Científico da FEPAL, expressaram a ideia de que devemos, de agora em diante, além de estudar o colonialismo e o racismo, nos dedicarmos, também, aos temas como a guerra, os genocídios e as desigualdades sociais, conforme já se preocupara Einstein em sua pergunta a Freud: Por que a guerra?

*Homenagem aos colegas José Luis Petrucci e Júlio Campos.

Guernica, século XXI

Augusta Gerchmann
Membro titular SBPdePA
César Antunes
Membro titular SBPdePA
Heloisa Zimmermann
Membro associado SBPdePA

Conta-se que, quando as tropas alemãs chegaram a Paris, um general nazista, pretensamente culto e exultante com suas conquistas, quis conhecer as obras de um jovem pintor catalão que, fugindo do terror fascista imposto por Franco, se refugiou naquela cidade. Esse pintor, já admirado por aqueles que viam em suas obras os traços da genialidade que só se tornaria maior com o passar dos anos, recebeu a visita do general. O que se poderia fazer naquelas circunstâncias?

O nazista, cheio de empáfia e autoritarismo, olhando para aqueles quadros ficou horrorizado; aquilo, para ele, não era arte.

Viu, então, um quadro em preto e branco composto por fragmentos de imagens e, com desdém, apontou para a obra que conhecemos como Guernica e disse:

– Foi você que fez isto?

Ao que Picasso respondeu:

– Não! Foram vocês.

Guernica, a cidade, não o quadro, marca a ultrapassagem do barbarismo sobre os resquícios civilizatórios que acalentaram os sonhos de sociedades igualitárias e democráticas. Até a guerra civil espanhola, os combates eram realizados longe das cidades, na maioria das vezes. O bombardeio de Guernica por aviões nazistas a serviço do generalíssimo inaugura a falta de escrúpulos total de algo que nunca teve escrúpulos, a guerra. Até então, na mente da sociedade, haveria algo de nobre em combates. Havia o general estrategista, o herói no combate, a capacidade combativa de um povo etc.

Mas, então, nos apequenamos. Hoje, vemos a guerra com toda a sua destrutividade, covardia e violência. A população civil é a vítima. Não há mais heróis, e sim covardes, com suas armas e capacetes, com sua incivilidade atacando pessoas desarmadas que tudo o que desejam é fugir da violência, é sobreviver à perda de todos os referenciais que davam sentido a sua vida. O bairro, os vizinhos, o trabalho, o carro comprado em muitas prestações e, principalmente, os filhos.

As bombas que destroem esses sonhos são anônimas. Não sabemos quem disparou, mas sabemos quem foi atingido. Como se fosse um castigo dos deuses. Como um azar "ou coisa do destino".

Mas temos que contar a todos, não podemos nos calar nem nos omitir. A verdade é que quem disparou, quem destruiu uma casa, um bairro, uma vizinhança e os sonhos, principalmente, o sonho de criar filhos foi, e é tão difícil admitir, outro homem.

O impacto sentido pela invasão de um estado independente por outro estado, países vizinhos com raízes e histórias comuns, 80 anos depois do que se imaginou ser o encerramento desse tipo de ato não civilizatório, nos levou a tentar, por meio de palavras, buscar algum sentido. Tentamos metabolizar nossa perplexidade e repúdio ao que entendemos como pura e incontida expressão da pulsão de dominação, de poder e de destruição.

Hannah Arendt vem ao nosso encontro, em seus ensaios sobre o mal e a crueldade, textos que buscam compreender o fosso da natureza humana.

O que se pode pensar e sentir ao ser confrontado com a banalidade do mal, com a concretude do gesto bélico que desconsidera a humanidade? O que faz alguém, neste nosso século, perder o pudor pelo valor humano? Saber que povos, identificados e empáticos à dor do seu semelhante, abrem mão de seus próprios bens para acolher e dividir com a nova leva de refugiados, compelidos a deixarem abruptamente sua casa para não perder sua vida, nos comove e desperta um efêmero fio de esperança.

Sabemos que o mesmo ser que cria armas de destruição em massa também é capaz de compor uma sinfonia, novas formas de tratar doenças ou ter compaixão para com o seu semelhante, caminho necessário para o reconhecimento da alteridade e que vai na contramão do delirante desejo de apropriação da subjetividade do outro.

Precisamos, então, que os sentimentos construtivos, que a empatia e a solidariedade falem mais alto que os gritos da guerra; que a noção de irmandade seja mais abrangente que os antagonismos e que o velho sentimento de amor ao próximo não seja somente uma prédica religiosa, mas supere, sobretudo, o narcisismo das pequenas diferenças. Mesmo em outro continente, protegidos pela distância geográfica, nos vimos identificados com as vítimas da guerra, nos sentimos agudamente desamparados pelo que sabemos ser próprio do humano civilizado. Como e por quem a população civil pode ser protegida quando o poder perde o juízo, ameaçando a quem obstaculize seu projeto de poderio? Quem será capaz de detê-lo?

Por enquanto, acreditamos que não podemos nos calar e nos debruçamos a defender e sentir compaixão pela dor do outro, sobretudo como guardiões da saúde. Solidarizamo-nos e expressamos nossa aflição pelo retorno da paz e pelo que nos é mais caro, a vida humana.

O que aqui nos convoca é a solidariedade.

Ser pais em condições de alta vulnerabilidade social: um olhar da psicanálise

Eluza Maria Nardino Enck
Membro titular da SBPdePA

O amanhã me assusta?
O amanhã me acolhe?
O amanhã me leva?
O amanhã me busca?
Depende... Depende...
Do que estou vivendo agora
Do que tenho vivido desde outrora

Crianças e adolescentes são seres vulneráveis por natureza. Necessitam de um ambiente em seu entorno que lhes proporcione proteção, cuidado e segurança. Ao mesmo tempo, precisam de espaço para se desenvolver e

testar suas condições pessoais em desenvolvimento.

A amplitude do impacto que as adversidades e as agressões externas exercem sobre crianças e adolescentes está muito ligada às condições da família à qual pertencem, que têm em seu entorno, e que é responsável, em primeiro lugar, por preservar, proteger e assegurar uma estrutura provedora de saúde física e mental.

Crianças e adolescentes não adoecem sem a família e não se mantêm saudáveis sem a família.

Em conversas com adultos jovens provenientes de periferias de Porto Alegre, de camadas vulneráveis da população que conseguiram encontrar formas de desenvolver uma vida produtiva, de sonhar e ir em busca de seu sonho, de "não entrar para o tráfico", como diziam eles, ao perguntar-lhes sobre o que faz a diferença entre crianças e adolescentes provindos desse mesmo entorno social e a 'escolha' do caminho que conseguiram fazer, as respostas foram unânimes: "O que faz toda diferença é a família".

Assim, oferecer um olhar e uma escuta, um espaço de acolhimento de angústias, temores e sentimentos de desamparo às famílias – pais e/ou responsáveis – de crianças e adolescentes provenientes destes espaços sociais, nos pareceu ser um caminho para ajudá-los a ajudar seus filhos a se desenvolverem física e emocionalmente e para buscarem uma vida melhor. *Cuidando dos cuidadores para que possam também cuidar.*

Um grupo de 13 psicanalistas (neste momento) da SBPdePA abriu espaço *em suas vidas* para oferecer esta oportunidade a eles. O trabalho está sendo realizado com famílias cujos filhos participam da Fundação Tênis, uma organização não governamental que recebe e atende crianças e adolescentes em condições de alta vulnerabilidade social. Este projeto começou suas atividades em outubro de 2000 e hoje atende uma média anual de 1400 alunos, entre 8 e 17 anos. A área de atendimento é composta por 14 núcleos, sendo 6 núcleos em Porto Alegre – Chapéu do Sol, Humaitá, Pão dos Pobres, Bom Jesus, PUC (Vila Fátima), Marinha do Brasil (Vila Cruzeiro e CEDEL), 1 núcleo em Igrejinha, 1 em Sapiranga – no Rio Grande do Sul – e 5 núcleos em São Paulo, nas cidades de Santana do Parnaíba, Pirituba, Mogi das Cruzes, Água Branca e Jundiaí.

A psicanálise e seu método nos oferecem muitas ferramentas para atender às demandas dessa população. A disponibilidade de um espaço em que possam se sentir escutados e acolhidos vem mostrando ser o que necessitam para compartilhar, para sentirem-se autorizados a sentir e validar dores, angústias e vivências, muitas vezes devastadoras, que transbordam a capacidade de processar.

A mente do analista recebe os excessos advindos da mente do cuidador, anteriormente transbordados para seus filhos, e os processa, podendo devolver o que é possível, processável e transformável em ações e cuidados com as crianças e adolescentes.

Famílias em que os pais/maridos morrem assassinados, crianças e adolescentes que presenciam assassinatos em frente a suas casas, que caminham entre mortos para ir para a escola; vivências que deixam marcas e sintomas incapacitantes e obstaculizantes do desenvolvimento, sem escuta e compreensão. As medidas antes disciplinares, caracterizadas por atitudes agressivas das mães, agora são iluminadas pela compreensão, passíveis de serem ressignificadas e transformadas, trazendo espaço para o diálogo e para o entendimento.

Mães que surpreendem, algumas com famílias estruturadas, presentes e com extrema capacidade de pensar sobre as dificuldades dos filhos. Além disso, conseguem se dar conta de questões que podem ser delas e, até mesmo, vinculadas a sua própria história familiar. Famílias em que circulam muito afeto e cuidado, mas que carecem de uma escuta, acolhimento e uma valorização da função materna.

Mães batalhadoras, trabalhando, estudando apesar das dificuldades. Famílias que perdem suas casas, que necessitam mudar-se, outras com sérios problemas de saúde.

Uma mãe mostra a casa nova, fala dos filhos com muito orgulho, os maiores que estudam e trabalham. Fala das dificuldades que enfrentaram com o ensino remoto, pois dividiam o seu celular. Enfim, mulheres fortes, com muito recurso afetivo. Uma mãe nestas condições deixa dúvidas inicialmente sobre por que havia procurado ajuda, dúvida que se dissipa quando aparece a necessidade de dividir sua situação com alguém. Nas últimas duas consultas, fala sobre o pai, um ex-presidiário que teria sido preso injustamente. Fala das visitas na cadeia e se emociona muito.

Mães domésticas, separadas, com filhos adolescentes para criar. O atendimento é procurado por sentirem-se tristes, desmotivadas e sozinhas. Deixam suas famílias para procurar um futuro melhor para os filhos, mas precisam construir vínculos na nova e grande cidade. Falam de desamparo, de esquecerem-se de si, de se deixarem em segundo plano. O olhar do analista permite e espelha o olhar para si, a utilizar recursos próprios

para encontrar saídas, a explorar seu mundo interno buscando mais satisfação e acolhimento.

Ao finalizarem-se os encontros, os agradecimentos e emocionantes manifestações, como a mãe que afirma se sentir mais revigorada para seguir sua história.

Lindas trocas, belas experiências, encontros com potencial transformador.

Mães interessadas, cuidadosas, lutadoras, preocupadas com o presente e o futuro dos seus filhos, mas muito sozinhas no difícil desafio de possibilitar o crescimento e desenvolvimento destas crianças e adolescentes, agora estão conseguindo ser muito auxiliadas por nossa intervenção que, mesmo em poucas sessões, atinge resultados talvez não pensados antes da experiência real.

Os atendimentos às famílias, na maior parte às mães, fizeram emergir, em alguns casos, a necessidade de atendimento também aos filhos, o que fugia de nosso escopo proposto. Assim, fomos em busca de parcerias para atendê-los gratuitamente, o que parecia mais difícil, com a qualidade que desejávamos. Encontramos no ESIPP (Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica) colegas que se propuseram a criar uma proposta de atendimento para os filhos dos nossos pacientes, parceria cujo processo de formalização encontra-se em vias de ser finalizada (SBPdePA – Diretoria de Comunidade e Cultura e ESIPP).

Precisamos, como cidadãos, precisamos como psicanalistas, incluir e acolher em nossas vidas a este outro, diferente, com necessidades e dores físicas e emocionais, muitas vezes comunicadas em um idioma que não conhecemos e que vamos precisar escutar para apreender, perceber e sentir. Estes nos ensinam em capacidade de resiliência, em suportabilidade, em uma capacidade imensa de superação e esperança.

Temos muito a oferecer e muito a aprender como pensar sobre o uso que fazemos do pouco que sabemos e do muito que não sabemos, mas que pode fazer muita diferença se aceitarmos nos implicar com o que está em nosso entorno social, com o que nos rodeia e que nos convoca a fazer algo. Convoca também a nos permitir e a nos liberar para experimentarmos afetos e emoções muitas vezes pouco acessadas por nós em nosso modo de vida.

É senso comum, em nosso grupo, que participar dos atendimentos aos pais, neste projeto de parceria com a Fundação Tênis, tem sido uma rica e gratificante experiência. Ao nos termos proposto a desenvolver este trabalho junto a famílias expostas a condições de alta vulnerabilidade social, que vivem em meio à violência física, social e psíquica, pensávamos em contribuir para promover transformações em suas vidas. Isto vem acontecendo, entretanto muito aprendizado e transformações estão ocorrendo também nas nossas vidas.

Compõem esse projeto: Camila Reinert, Carmem Prado Nogueira, Cynara Kopitke, Claudia Haetinger, Eluza Maria Nardino Enck (coordenadora), Jeanete Sacchet, Kellen Gurgel Anchieta, Lisa Magalhães, Luciana Zamboni Busetti, Roberta Peruchin Loureiro da Silva Breda, Rosa Avritchir, Siana Pessin Cerri (coordenadora) e Vládia Schmidt.

Qual a data prevista para o parto?
(Sobre o nascimento dessa analista)

Juliana Lang Lima
Membro associado da SBPdePA

Data de fecundação: imprecisa.

Primeiro teste de gravidez positivo: janeiro de 2015.

Data provável de parto: novembro de 2021.

Ao colocar em números minha trajetória na SBPdePA, desde o recebimento do esperado aceite na seleção até a conclusão da formação, dou-me conta do quão laborioso é o caminho para que nasça um analista. Isso, é claro, considerando que, após 32 seminários, 2 supervisões, 4 relatórios, uma ficha de leitura, um trabalho teórico-clínico e anos e anos de divã, venha a nascer um analista.

Uma gestação com sua duração estimada em 70 meses. Qual humano suportaria gestar por tanto tempo, com todos os desconfortos inerentes ao fato de emprestar corpo e alma para ser habitado por um novo ser que ali vai se desenvolver?

Se engravidar envolve, quase sempre, alguma medida de desejo, fazer nascer um analista parece o ápice da construção desejante — com a impossibilidade da ultrassonografia como recurso. Já pensaram em como seria maravilhoso poder medir, de tempos em tempos, ao longo do percurso, as condições intrauterinas do analista em formação? "Você já está com 60% de sua capacidade analítica adquirida. O bebê tem tamanho e peso compatível com os moldes da IPA. A gestação corre bem, tudo indica que o analista nascerá a termo".

Gestar tem, em sua origem, a sexualidade, e haja derivações do sexual em uma formação. Amizades, festas, fofocas, estudos... do direto ao deslocado, passando por sublimes formas, a curiosidade infantil está ali, pulsando e acompanhando o passo do analista.

Chegar à gravidez, como consequência de encontros férteis, é dar à pulsão um destino. Contudo, gestar o próprio fazer significa esperar, tolerar, acompanhar a si no próprio crescimento. Como toda grávida que merece um bom obstetra, os membros do Instituto buscam um analista para se tranquilizar diante de angústias diversas. Inicialmente modelo identificatório, por certo idealizado (como tem que ser, segundo Lacan), o analista será receptáculo de toda demanda de amor. Acontece que este, diferentemente do obstetra, não fará prescrições e tão pouco poderá acalmar o estranho sentimento de encontro com o inconsciente. Uma vez invocados os demônios, há de se estar preparado para lidar com eles, dizia Freud.

Mas se estamos de acordo que o analista membro do Instituto é parceiro na gestação de um novo analista, parece-me curioso que ganhe por vezes a alcunha de pai ou mãe simbólicos. Lembro que em 2006, ano em que fazia seleção para minha primeira formação, no CEPdePA, comemoraram-se os 150 anos de nascimento de Sigmund Freud com uma grande exposição em Porto Alegre. Um dos pontos altos dessa mostra era uma árvore genealógica na qual, a partir do tronco freudiano, nasciam ramos com analistas que compartilhavam a mesma origem. "Selo Sigmund de qualidade", marca de distinção e autenticidade. Recordo de ter ficado em dúvida, naquela época, sobre o bom gosto de tal monumento, que parecia mais útil quando nas introduções de romances como *Cem anos de solidão* ou *O tempo e o vento*, nos quais os inúmeros membros das famílias iam criando novas gerações e o genograma auxiliava no decifrar dos personagens. Quanto a pessoas da vida real, analistas de carne e osso, deixava algo de desconforto no ar.

Hoje, passados tantos anos, penso que meu mal-estar referia-se a uma certa infantilização decorrente dessa forma estética de apresentação. Herança de um modelo colonial, como se aqueles galhos da árvore fossem pertencentes à nobreza psicanalítica. Condição de dependência, portanto.

Claro, sabemos que o bebê humano ganha cidadania no universo simbólico no momento em que é nomeado. Nome do pai, força que fornece pertencimento e existência. Aqui cabe lembrar o famoso chiste de Lacan: "Se vocês quiserem ser lacanianos, que o sejam. Quanto a mim, sou freudiano."

A trama das identificações fazendo marca e marco, necessidade íntima e premente de cada um de nós. Não à toa, na comunidade psicanalítica, temos nosso sobrenome comum: somos "da Brasileira". Mas o que nos fará únicos e genuínos é, indubitavelmente, nosso primeiro nome, nome próprio, diferenciação necessária para garantia de alteridade.

É também por isso que, em algum momento, o analista do analista em formação precisa ser destronado, sair do Olimpo e virar um colega. Por certo, nunca será um colega qualquer. Nesse processo, a tudo correr bem, sobram gratidão, afeto e boas histórias que, se não podem ser contadas por aí, podem ser lembradas.

Mas há a necessidade de um parto a separar essa dupla. "Ao bebê cabe entrar na vida, à mãe, deixar a gravidez" (Mirian Szejer). Em um mundo ideal, um analista deveria nascer sempre de parto normal, empurrado para o mundo pela força disruptiva de seu sonho.

Lembrando que um bebê precisa ser acolhido ao nascer, preferencialmente experimentando uma profunda relação de intimidade com a mãe. Ao ser acariciado e nutrido, as angústias decorrentes desse corpo fragmentado, inundado de quantidade, podem ganhar tonalidades diversas. Intensidades próprias do viver que, na melhor das hipóteses, serão medidas no tempo da delicadeza, como canta Chico Buarque.

E assim, em seu ritmo próprio, por entre avanços, paradas, recuos, vai se constituindo um analista. Feito não só de psicanálise (assim espero), mas

também composto por literatura, cinema, música, militância, lutas... sim, pois diante da maior crise sanitária, ética e política de nossa história recente, prefiro acreditar que já compreendemos que abstinência deve ser praticada na sala de análise, não na vida.

Por aqui, depois de 6 anos, uma pandemia e duas gestações, estamos chegando ao fim dessa etapa da caminhada. Eis que a expectativa ganha palavras: Será que meu bebê vai nascer perfeito?

Não, não vai. Mas que seja uma boa hora! Que venha com saúde!

Breve histórico da SBPdePA

Jeanete Suzana Negretto Sacchet
Psicanalista, membro associado SBPdePA

Em fins de 1989, um grupo de psicanalistas ligados ao Instituto Mário Martins e ao Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA) começou a se reunir, regularmente, para pensar sobre a criação de uma Nova Sociedade Psicanalítica em Porto Alegre, ligada à IPA. Esse grupo tomou o nome de GEP (Grupo de Estudos Psicanalíticos).

O assunto da primeira Reunião Científica foi um debate do artigo de Freud, *Sobre a Transitoriedade,* e se realizou na residência do Dr. Marco Aurélio Rosa em 28 de junho de 1990. As reuniões seguiram-se no mesmo local até julho de 1991. Em agosto, o GEP alugou uma sede para suas atividades. Em outubro do mesmo ano, decidiu iniciar contatos para sua formalização junto à IPA.

Em agosto de 1992, o GEP recebeu a notícia da vinda do Site Visit Committee da IPA, constituído por: Dra. Sara Zac de Filc, Dra. Elfriede Susana Lustig de Ferrer e o Dr. Leonardo Wender de Buenos Aires (AR). Os 18 psicanalistas que participaram do movimento de criar uma nova sociedade psicanalítica em Porto Alegre, baseada nos critérios da IPA, foram os membros titulares da IPA: Dr. Alberto Abuchaim, Dr. David Zimmermann, Dr. José Luiz Freda Petrucci, Dr. Leonardo Adalberto Francischelli, Dr. Marco Aurélio Rosa e Dr. Sérgio Dornelles Messias e os Membros Associados da IPA: Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg, Dr. Antonio Luiz Bento Mostardeiro, Dr. Gildo Katz, Dr. Gley Pacheco Costa, Dra. Izolina Fanzeres, Dr. José Facundo Passos de Oliveira, Dr. Júlio Roesch de Campos, Dr. Lores Pedro Meller, Dr. Luiz Gonzaga Brancher, Dr. Newton Maltchick Aronis, Dr. Paulo Sérgio Rosa Guedes e Dr. Renato Trachtenberg.

Em 17 de dezembro de 1992, o movimento para uma nova Sociedade Psicanalítica foi aprovado pelo Council em Nova Iorque, como Grupo de Estudos Psicanalíticos e referendado no Congresso Internacional de Amsterdã em 1993. Em 1997, no Congresso de Barcelona, passou à Sociedade Provisória, com o nome de Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e, em 2001, no Congresso de Nice, foi reconhecida a nova Sociedade componente da IPA. A SBPdePA visa a promover o estudo, o desenvolvimento, a transmissão e a aplicação da psicanálise criada por Sigmund Freud, para proporcionar a formação de psicanalistas dentro dos modelos reconhecidos pela Associação Psicanalítica Internacional.

TUA AUSÊNCIA

A casa ficou vazia
Silenciosa
Limpa demais
Sem o desconforto
Acolhedor que trazia
Tua presença
Que eu sentia
Tão perto
Como eu queria
Estivesses aqui
Ah! Como eu queria

Jeanete Suzana Negretto Sacchet
Psicanalista

Diretoria de Divulgação: Lançamento

Preocupada com a desinformação geral em relação à psicanálise como prezamos, a Brasileira iniciou o seu programa de *podcasts*. Em um tom despojado, nossos membros compartilham seu conhecimento profundo de forma acessível ao público geral. Os temas da primeira temporada cobrem uma extensa gama de assuntos, desde o conceito da psicanálise até como ela se apresenta no cotidiano fora dos consultórios.

Além disso, aproveitando a agilidade característica desse meio de comunicação, em fevereiro, fizemos o primeiro *podcast* em homenagem ao Centenário da Semana de Arte Moderna com Paulo Amaral e, no início de março, um episódio procurando compreensões sobre a guerra, com Cesar Antunes.

Recomendamos fortemente o acesso via Spotify (ou YouTube) para prestigiar os colegas e o mais novo bebê da Brasileira e ajudar a espalhar a psicanálise *comme il faut*. Já entrando no clima, por favor, curta, comente e compartilhe!

Coordenado pela Diretoria de Divulgação, os anfitriões do SBPdePA Cast têm sido Heloisa Zimmermann, membro associado, Aline Santos e Silva e Iuri Oliveira, membros do Instituto.

Os primeiros episódios do SBPdePA Cast já estão disponíveis nas plataformas Spotify e Youtube (acesse pelo *link:* https://linktr.ee/sbpdepa).

S1:E1 – *100º Aniversário da Semana de Arte Moderna e a Psicanálise*, com participação especial de Paulo Amaral que, junto com o olhar psicanalítico, faz relações entre a história, a arte e o destino da cultura a partir dos movimentos do início do século passado.

S1:E2 – *Tentando compreensões sobre a guerra*, com César Antunes, analista titular com função didática, trata do impacto que sofremos diante da guerra que ameaça arrastar o mundo, mais uma vez, para o abismo.

S1:E3 – *O que é a psicanálise?* Neste episódio, Gley Pacheco Costa, fundador e analista titular com função didática, nos conduz por um passeio desde o início da psicanálise, passando pela formação, profissão, tratamento, objetivos, dificuldades, criatividade, entre outros tópicos.

S1:E4 – *Peculiaridades e sintomas do cotidiano*, com Lores Pedro Meller, fundador e analista titular com função didática, que nos mostra como a psicanálise explica situações comuns do nosso dia a dia, como enganos, acidentes, lapsos e mais algumas situações constrangedoras.

Mudanças de categorias

- **De associado para titular:**
  Mara Loeni Horta Barbosa, em 22/11/21.
- **De titular à analista com função didática plena:**
  Christiane Vecchi da Paixão, em 27/10/21.
  Astrid Elisabeth Müller Ribeiro, em 19/11/21.
  César Augusto Antunes, em 27/01/22.
- **De membro do Instituto para associado:**
  Juliana Lang Lima, em 19/04/22.

Ingressos no Instituto 2022-1:
Ana Cláudia Meira, Giovana Lery Borges, Morgana M. Saft Tarragó, Vera Regina Santos Cardoni.

Vem por aí

Ciclo de Psicanálise e Cinema: Maternidade em Almodóvar

A Maternidade e a arte caminham juntas! Poderíamos afirmar que a maternidade – com belezas, imperfeições, mistérios e adversidades – também é uma arte? Essa arte que tanto nos impressiona e que, sob a ótica psicanalítica, tanto nos faz pensar e estudar. E assim atentamos para a relevância dos casos em que há ausência ou excesso de presença da figura materna.

Ressaltamos que essa função pode ser exercida pela mãe biológica, adotiva, pelo pai, pela avó e assim por diante. Não menos importante é a função paterna que exerce e contribui para o desenvolvimento dessa função. Colocamo-nos a pensar sobre o tema a partir do cinema e das obras de Pedro Almodóvar, cineasta reconhecido por suas provocações e por seu estilo inconfundível, que nos proporciona uma galeria de símbolos e tipos numa cinegrafia povoada de seres humanos marcados por paixões, desejos, desesperos e loucuras em narrativas misteriosas, exageradas e deslumbrantes. Um dos temas mais relevantes de toda a sua extensa obra é a maternidade: mães-coragem, mães-solo, mães órfãs de seus filhos, mães trans, mães incompreendidas, obsessivas etc. Almodóvar aborda os mais diversos aspectos da figura materna. Convidamos, assim, todos a participar nos dias 28/05 e 25/06, às 10h, dos encontros *on-line* com Josmar de Oliveira Reyes, professor de cinema da Unisinos. Contaremos com a participação das psicanalistas Juliana Lang Lima no primeiro sábado (28/5) e Beatriz Behs no segundo (25/6).

A abordagem do professor será cronológica, partindo do primeiro filme do cineasta, que tem no centro a figura materna (*O que fiz eu para merecer isso?* – 1984), até o seu mais recente (*Mães paralelas* – 2021).

Para melhor aproveitamento do evento, sugerimos que os seguintes filmes sejam previamente assistidos: Carne trêmula, Volver, Mães paralelas, Dor e glória, De salto alto, O que fiz para merecer isso, Julieta, Tudo sobre minha mãe.

Quando:

Dias 28 de maio e 25 de junho, às 10h. Promovido pela Diretoria de Comunidade e Cultura (área de Transmissão da Psicanálise), os encontros têm como convidados Josmar de Oliveira Reyes (dia 28 e dia 25), Juliana Lang Lima (no dia 28) e Beatriz Behs (dia 25).

Inscrições: sbpdepa.org.br

Valor: R$ 20,00 (por encontro)

Membros estão isentos. Há 5 vagas para estudantes ou profissionais da área que sejam negras, negros ou indígenas.

Colóquio com Gianna Williams

“Processos introjetivos e a função ômega”

Ocorrerá no dia 16 de julho um colóquio com a psicanalista de adultos e crianças da British Psychoanalytical Society (BSP) **Gianna Williams**. Participam as psicanalistas Augusta Gerchmann (SBPdePA) e Eluza Enck (SBPdePA).

A convidada foi consultora do Departamento de Crianças e Adolescentes na Clínica Tavistock, onde conduziu a disciplina de psicoterapia infantil no Departamento de Adolescentes, aprofundando seu trabalho também com transtornos alimentares em adolescentes. Como uma das precursoras na observação de bebês nos anos 1970, desenvolveu vários cursos de Estudos Observacionais na Europa e na América Latina, recebendo o título de Doutor Honoris Causa (Doutor em Educação Honoris Causa) pela Tavistock e pela Universidade de East London. Atualmente, ministra seminários sobre observação de crianças e supervisiona a formação de infância e adolescência.

O artigo “Sobre diferentes processos introjetivos e a hipótese de uma Função Ômega” foi publicado originalmente em 1999 e traduzido para o português em 2021 na Revista da SBPdePA. Gianna Williams cunhou a expressão “**Função Ômega**” para demonstrar, através do que considera o oposto da função alfa criada por Bion, os diferentes processos introjetivos que afetam e acompanham o desenvolvimento do sujeito.

Para a nossa convidada, em situações específicas, o mundo interno do bebê é habitado por introjeções do objeto que encontra precocemente, carregadas pela vivência de luto não elaborado dos genitores, passando a viver na sombra do

objeto que recai sobre seu Eu, identificado com essa sombra sem poder dele se discriminar.

O conceito de **Dupla Privação** sugere que a primeira privação é aquela que foi causada pelas circunstâncias externas de uma criança que não podem ser mudadas. A segunda privação se deve às defesas internas da criança que se desenvolveram para evitar a dor psíquica e à natureza dos objetos internos da criança. Com tratamento, podem ser modificados e, portanto, são mutáveis.

Mantendo-se constantemente engajada em projetos sociais, desde 1999 é consultora da ONG para meninos de rua no México, a Cuntos con los Niños, e do Comitê de Assistência Psicanalítica em Crises e Emergências (PACE) da International Psychoanalytical Association (IPA). Esse comitê deseja aumentar a consciência da eficácia e relevância de nossa profissão, não apenas na área da psicanálise formal, mas também como um corpo de conhecimento acadêmico que pode ser aplicado em situações de crise, empregando nossa teoria e acomodando nossa técnica às exigências de situações de emergência no mundo. Através do PACE, Williams recentemente começou a trabalhar on-line com psicoterapeutas ucranianos ajudando crianças traumatizadas.

Atendimento psicanalítico à comunidade e a prática clínica

Atividade do CAP com a convidada Nilde Parada Franch. O convite foi feito a Nilde pela experiência que teve junto ao CAP da Sociedade Brasileira de Psicanálise de SP, além de sua experiência na clínica privada. A ideia é que possamos conversar sobre a articulação da clínica privada com a clínica social.

A Equipe do CAP é formada por Rosa Avritchir (diretora), Claudia Haetinger, Gustavo Gazzana Flores, Lisa Magalhães e Nora Helena Steffen.

Quando:

dia 29 de junho, às 20h30.

Núcleo de Infância e Adolescência

Este é um ano muito importante para o NIA! Em primeiro lugar, a equipe até então formada por Aline Pinto Silva, Aline Santos e Silva, Adriana Ampezzan, Heloísa Zimmermann, Kellen Gugel Anchieta e Marlise Sandler Albuquerque, em março recebeu três novos integrantes: Paula Sarmento Leite, Iuri Oliveira e Vladia Schmidt. Todos que chegaram trouxeram energia e contribuições desde já muito valiosas.

E mais adiante no ano, teremos a comemoração do **20° aniversário do NIA!** Estamos organizando festejos de acordo com sua história, com convidados e atividades consistentes, entrelaçando a teoria com a clínica e a cultura, tudo regado a muito afeto.

Nos dias 30 de setembro e 1º de outubro, contaremos com todas as coordenadoras que o NIA já teve: **Ana Rosa Trachtenberg, Vera H. P. Mello, Mayra Lorenzoni, Eluza N. Enck, Marlise S. Albuquerque e Aline Pinto Silva**. Especial destaque é que contaremos com a importante presença da madrinha adotiva do NIA, **Dra. Virgínia Ungar.**

O evento será híbrido, com vagas limitadas na sede da Brasileira e demais vagas garantidas *on-line*. Certamente, todos terão lindos momentos de aprendizagem com emoção!

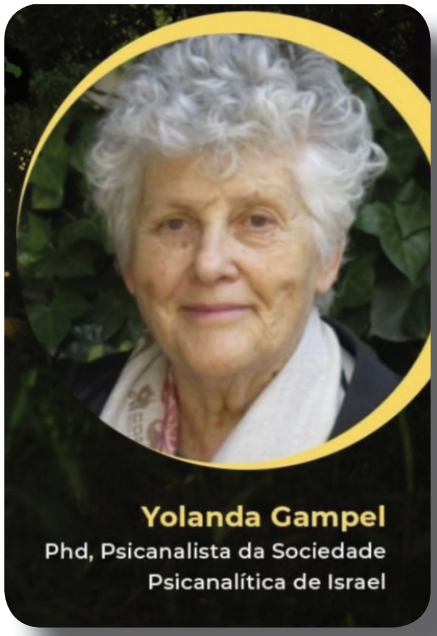
Núcleo de Vínculos e Dra. Yolanda Gampel

Em 14 de maio de 2022, o Núcleo de Vínculos da Brasileira recebeu a doutora Yolanda Gampel para uma conferência *on-line*, direto de Israel, com o patrocínio CAPSA/IPA. O evento fez enorme sucesso de público e as pessoas ficaram emocionadas com os relatos e a experiência da convidada.

Há anos trabalhando com sobreviventes do holocausto e seus descendentes, ela descobriu conceitos que nos auxiliam no atendimento de vítimas de traumas severos e violência social. Em meio a relatos pesadíssimos de dor, sofrimento, crueldade e morte, ela consegue usar recursos e criatividade e os explica com clareza ímpar.

Yolanda nasceu na Argentina e fez sua formação psicanalítica em Israel. Ela trabalhou mais de 30 anos com os sobreviventes do holocausto judeu da Segunda Guerra Mundial e com seus descendentes. E também com judeus e palestinos da Faixa de Gaza, traumatizados devido à guerra. Essa experiência ela relatou em seu livro *Esos padres que viven a través de mí*, da editora Paidós, além de inúmeros artigos científicos.

Nas palavras de Yolanda: "Testemunhar é tão difícil para os sobreviventes da Shoah como para os de todas as violências sociais. Ao mesmo tempo, poder testemunhar e, sobretudo, poder ser escutados é a única exigência destes sobreviventes. Mas para escutar a pessoa desgarrada, a Lei violada, para escutar o caos, a crueldade, os crimes, é preciso renunciar a certa evidência. Para muitos, a guerra terminou há muito tempo: é o passado. Querem virar a página e seguir adiante como se não restasse nada dela, nenhuma marca. Se atêm à evidência imediata. Entretanto, as guerras não terminam de marcar o ritmo de nossa vida, e a Shoah suspendeu o significado de nossa história. Seus efeitos se manifestam a longo prazo, disseminados no espaço e através do tempo, como "restos radioativos" na intersecção entre o presente e o passado, entre a presença e a ausência."



Yolanda constatou em seu trabalho com os sobreviventes da Shoah e seus descendentes que os efeitos destas experiências traumáticas podem ser observados através das gerações seguintes, suscitando transtornos específicos nos filhos e netos daqueles que passaram pelas experiências profundamente traumatizantes. Ela desenvolveu, em seu trabalho, novos conceitos para abarcar os fenômenos que observou, como transmissão radioativa, objetos tesouro, substrato de segurança e substrato do inquietante e estranho, entre outros.

É preciso muita coragem e força interior para se propor a escutar e testemunhar as experiências vividas nos campos de concentração da Segunda Guerra. "Frente a circunstâncias externas extremas, tais como a guerra e a violência social, a capacidade de pensar pode se ver ameaçada." O que Yolanda pôde descobrir e compreender com este trabalho fornece instrumentos importantes para auxiliar os psicanalistas, terapeutas e profissionais da saúde que trabalham com vítimas de traumas e de violência social. Foi uma experiência marcante para todos os que puderam assistir ao evento. Este ficou gravado e estará disponível na página da Brasileira no Youtube. Além disso, a conferência será publicada na revista Psicanálise.

Diretoria Científica

Nosso ano científico de 2022 iniciou em janeiro de forma muito especial, apesar de ainda estarmos em meio à pandemia de Coronavírus, com nossa reunião de forma remota.

No primeiro evento, intitulado *Enlaces entre nós*, tivemos como convidados a psicanalista Eliane Nogueira (membro da SBPdePA, fundadora e coordenadora do projeto Ubuntu), Hemerson Ari Mendes (membro da SPPel e atual presidente da FEBRAPSI) e Luciano Dias, psicólogo, membro EPEB-Rio. Foi uma noite calorosa em que aproveitamos para homenagear nossa colega Eliane pelo lindo e consistente trabalho que realiza há 2 anos frente ao projeto Ubuntu. Foram discutidas importantes questões raciais que, infelizmente, ainda se fazem muito presentes, mesmo no século XXI.

No mês de abril, lançamos os Encontros na Brasileira, um espaço de diálogo e debate científico com psicanalistas convidados e colegas da Brasileira. Nossa estreia foi com excelentes trocas entre os convidados. Contamos com a presença, mesmo que virtualmente, das psicanalistas Gabriela Goldstein (APA), Ana Rosa Trachtenberg (SBPdePA) e Laura W. da Rosa (SBPdePA).

O dia 5 de maio foi mais uma oportunidade de celebrarmos os 100 anos da Semana de Arte Moderna, momento histórico que conferiu à cultura brasileira a possibilidade de se unir a um movimento internacional e, ao mesmo tempo, buscar uma identidade brasileira. Foram convidados para o debate Silvana Réa (SBPSP), Carolina Freitas (SBPdePA) e Paulo Amaral (artista plástico, membro da Academia Brasileira de Belas Artes).

No dia 2 de junho, tivemos o terceiro Encontro na Brasileira, com o tema Transferência Negativa, tema tão caro a nossa clínica. Nossos convidados foram a psicanalista Gina Levinzon (SBPSP) e os psicanalistas Flávio Roithman e Ian Nathasje (SBPdePA).

Agradecemos a todos que participaram e engrandeceram nossas atividades e já deixamos o convite para que todos participem do segundo semestre, pois já temos as confirmações dos seguintes colegas: Daniel Kuppermann, Anne Brun, Admar Horn e Décio Gurfinkel. Também um agradecimento especial à comissão científica, composta pelas colegas Claudia Halperin, Camila Reinart, Fernanda Bortoli, Kellen Anchieta, Luciana Schmal e Renata Manica, que têm trabalhado junto comigo para o melhor desenvolvimento das atividades científicas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Aconteceu na SBPdePA

Em 13 de abril, recebemos a Dra. Ana Paula Terra Machado para o evento **Conversando sobre Alta Frequência**. Coordenadora: Rosa Avritchir. Realização: Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP).

Em 29 de abril, para o Café com NIA, recebemos a Dra. Aline Santos e Silva para apresentar seu trabalho premiado no Congresso da Associação Brasileira de Candidatos (ABC).

Em 6 de maio, realizamos o Sarau (foto em destaque), **Aniversário de Freud** na sede da entidade.
Realização: Instituto de Psicanálise, Associação de Membros do Instituto e Diretoria Científica da SBPdePA.

Fernando Pessoa

Durmo, cheio de nada, e amanhã

Durmo, cheio de nada, e amanhã
É, em meu coração,
Qualquer coisa sem ser, pública e vã
Dada a um público vão.
O sono! este mistério entre dois dias
Que traz ao que não dorme
À terra de aqui visões nuas, vazias,
Num outro mundo enorme.
O sono! que cansaço me vem dar
O que não mais me traz
Que uma onda lenta, sempre a ressacar,
Sobre o que a vida faz?

11-12-1933

Poesias Inéditas (1930-1935). Fernando Pessoa. (Nota prévia de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1955 (imp. 1990): 129.